

## O PRINCÍPIO DA VIDA CONTRA O PRINCÍPIO DA MORTE: OS DIREITOS HUMANOS E O NEOLIBERALISMO<sup>1</sup>

### *THE PRINCIPLE OF LIFE AGAINST THE PRINCIPLE OF DEATH: HUMAN RIGHTS AND NEOLIBERALISM*

Enrique Dussel<sup>2</sup>

Da minha parte é um tema novo comparar os direitos humanos com o neoliberalismo, doutrina econômica cujo principal autor é Von Hayek, economista e filósofo austríaco que se instalou em Londres, graças a amizade com Karl Popper, e que lançou dita teoria, chamada assim porque não se trata do liberalismo tradicional de Adam Smith, mas de uma réplica ao pensamento socialista, que obviamente Adam Smith não poderia ter denunciado. Von Hayek vai de encontro com a possibilidade do socialismo, por isso, depois, sua teoria é adotada, sobretudo pela chanceler de ferro, Margaret Thatcher na Inglaterra.

Hoje é notícia mundial que a primeira-ministra inglesa, Theresa May, acaba de renunciar no prazo mais curto que já aconteceu na história do parlamentarismo britânico, Theresa May é uma admiradora de Thatcher, uma neoliberal clássica que propôs de imediato algumas soluções econômicas, mas que produziram na Inglaterra uma grande reação, que resultou na sua renúncia. O neoliberalismo está recebendo críticas muito fortes até mesmo dos antigos neoliberais.

O governo de Pinochet, no Chile, foi o primeiro que propôs uma economia neoliberal na América Latina, inspirado nos chamados *Chicago Boys* e não diretamente com Von Hayek. Se tem que esclarecer de que se trata quando falamos em neoliberalismo e direitos humanos, pois se confrontam diretamente; enquanto a doutrina dos direitos humanos tem

---

<sup>1</sup> Texto publicado de forma póstuma como homenagem a Enrique Dussel, apresentamos a transcrição da palestra proferida no Foro Internacional Neoliberalismo e Direitos Humanos, realizado nos dias 20 e 21 de outubro de 2022 no Centro Nacional de Direitos Humanos “Rosario Ibarra de Piedra”, Cidade do México, México. Texto traduzido por Lucas Machado Fagundes a partir da transcrição da palestra em espanhol, disponível em espanhol em: <https://www.youtube.com/live/1Kc2Bo7sdus?si=vvdh579Nv7wooeZx> e publicada na Revista Derechos Humanos México – La lectura crítica de los derechos humanos. “Neoliberalismo y Derechos Humanos”, n. 1, dic./2023, Centro Nacional de Derechos Humanos “Rosario Ibarra de Piedra”, Cidade do México, México. A tradução foi autorizada pelo editorial da revista.

<sup>2</sup> Filósofo argentino radicado desde a década de 1970 no México. Professor de Filosofia da Universidade Autónoma do México e da Universidade Autónoma Metropolitana do México. Doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid e Doutor em História pela Sorbonne de Paris. Acadêmico, filósofo e historiador argentino, naturalizado mexicano. É um dos fundadores da Filosofia da Libertação. No ano de 2013 foi nomeado membro do Comitê Diretor da Federação Internacional de Sociedades de Filosofia (FISP, Genebra). Faleceu no final do ano de 2023.

uma base ética e se funda na afirmação do direito do ser humano, o neoliberalismo fala do mercado como o lugar da expressão da racionalidade humana, é uma doutrina que tem ao mercado como centro da sua proposta, enquanto os direitos humanos tomam a vida humana como centro da sua proposta. Falar de neoliberalismo e direitos humanos, é realmente denunciar uma contradição quase absoluta; o neoliberalismo com sua concepção ética que Von Hayek também justificava como ética do mercado, se opõe completamente a uma ética humana fundada nas vidas e na afirmação da vida em geral, mas especialmente da vida humana.

O tema é crucial e está no centro da crise que vive a humanidade neste momento, onde a crise econômica está inspirada no neoliberalismo e, justamente este, toca com as suas próprias mãos o seu fracasso. Até mesmo a pandemia de Covid-19 demonstrou a falsidade do neoliberalismo, e é fácil mostrá-la pois, depois de explicar um pouco de que se trata.

O projeto futuro da humanidade, que eu denomino de trans-moderno, não pós-moderno, posterior a modernidade que está em crise, já não poderá pensar somente em um projeto socialista, mas em algo muito mais complexo, do qual devemos começar a discutir, porque o panorama está aberto.

Depois de mostrar a contradição enunciada, vejamos de que se trata o tema do que é o neoliberalismo.

### *O que é o neoliberalismo?*

Como já disse, o neoliberalismo é uma doutrina proposta pelo economista austríaco Von Hayek, que escreveu uma série de obras mostrando que na economia e no ser humano o mercado é a referência essencial da racionalidade, porque, ao fim, tudo se discute em um mercado e o mercado tem como lei própria a concorrência, o que não é concorrência, é monopólio, e quando há monopólio, se entra autoritariamente em uma solução, que não é a que o mercado pede, porque o mercado se define pela concorrência; então, toda a intervenção voluntária, que não surge da racionalidade da concorrência do mercado, é irracional e vai produzir efeitos muito mais negativos do que aqueles que se pensava evitar intervindo de maneira autoritária no mercado.

Claro, para que o mercado funcionara de maneira perfeita, teria que haver uma proposta, um ideal que é de concorrência perfeita, mas a concorrência perfeita não é alcançável, é sempre uma concorrência imperfeita. Competem duas empresas ou dois capitais

no mercado, mas sempre há intervenções de alguma força exterior ao mercado que poder ser cultural, que pode ser militar, que pode ser política, que faz que a concorrência não seja perfeita, e se não é perfeita, então se cai em algo que é irracional e que contradiz a ética do mercado.

A ética do mercado se funda no fato de que todos os concorrentes devam aceitar que entram no mercado, e que se perdem na concorrência, porque um produto é mais caro que outro, supõe que o que é mais barato na venda, logrou mais eficácia e, portanto, outra mercadoria com mais valor já não se vende porque as pessoas compram a mais barata, a que tem menos valor.

A ética do mercado exige ao perdedor da concorrência aceitar *a priori*, ou seja, como um fundamento do fato da concorrência, a derrota e terá que sair do mercado e deixar que no mercado se imponha o mais eficaz, que é o que consegue a maior quantidade de valor de uso ao menor preço, ou seja, a menor quantidade de valor de troca e para isto, então, na política é necessário destruir todos os elementos monopólicos que não deixam que se desenvolva a concorrência perfeita, por exemplo, um sindicato que exige maior salário, exige como medida política mas não logra como uma medida econômica, de tal maneira que um sindicato que pede maior salário que não sai da concorrência entre os assalariados que oferecem seu trabalho no mercado, é uma ação monopólica, e então o Estado deve destruir o sindicato porque não permite a concorrência perfeita, que é o princípio ético e racional do mercado.

Com este princípio começam a tomar medidas, por exemplo, o Estado deve ser reduzido ao mínimo. O neoliberalismo propõe um Estado que vigie e destrua os monopólios e que a concorrência seja plena, a mais próxima a uma concorrência perfeita, claro, isto beneficia ao capital privado, que está nas mãos de cada vez menos gente que vai acumulando maior riqueza. O argumento neoliberal é que essa riqueza acumulada por um grupo, por um pouco de gente, uns quantos proprietários, se vai a derramar de cima para baixo como riqueza social, e então essa comunidade vai melhorar por esse derrame da riqueza de cima para baixo.

Então, o neoliberalismo propõe, politicamente, um Estado super reduzido, no fundo é quase uma polícia para destruir os monopólios e permitir a concorrência perfeita, todo o resto fica em mãos dos capitais privados, que entram em concorrência e oferecem os seus serviços à sociedade neste derrame de cima para baixo, e então é toda uma apologia da propriedade privada, a diminuição do Estado e a liberdade de concorrência. É evidente que isto é benéfico para aqueles capitais mais fortes que competem no mercado mundial, e que são os que antes ganharam contra os capitais com menor composição orgânica, ou seja, menos desenvolvidos,

e por dizer menos desenvolvidos, é que os que usam menos instrumentos técnicos para baratear as mercadorias no mercado e lograr o triunfo na concorrência, por isso é benéfico aos grandes proprietários do capital, que vão lentamente acumulando mais e mais lucros, os que em princípio, pela exigência do derrame, vão chegar à sociedade.

Já faz uns decênios, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), contabilizava aos grandes capitalistas; então, 20% da humanidade possui 80% dos bens no mundo. Com o passar do tempo, esse percentual de multimilionário diminuiu e, traduzindo em cifras, ficou em dois, ou no máximo três dígitos. As vezes, um milionário possui mais capital que um Estado; por exemplo, que um Estado africano, que é muito pobre, que está pouco desenvolvido, que não pode entrar no mercado para concorrer, e seu destino, segundo a ética neoliberal de Von Hayek, é ser humilde, aceitar o jogo do mercado e desaparecer. Mas uma situação assim levaria a morte de muita gente, que seria inevitável dentro da concepção neoliberal capitalista, e aumentaria a taxa de ganância que se obtém pelo triunfo da concorrência no mercado, como a finalidade não só da economia, mas da vida humana. O neoliberalismo é um modelo econômico que beneficiou aos países mais desenvolvidos, e nos Estados Unidos, aos grandes possuidores do capital a quem o deputado democrata Sanders chama “o 1%”, aqueles que possuem mais riqueza que o resto da população, produzindo desigualdades econômicas ferozes.

A pandemia de Covid-19 é um fruto secundário negativo do neoliberalismo, porque como tudo se deixa nas mãos do mercado e do capital privado, não há pesquisa em nível da medicina que trata de enfermidades virais, porque não são negócios para as farmacêuticas; de imediato, produzem fármacos que curam enfermidades, mas aceitam que existam pandemias que o sistema médico não soluciona.

Com a exploração da alimentação, do sistema alimentário, se produz também uma exploração de animais; que são criados em pouco espaço e vai gerando internamente enfermidades que contagiam depois ao ser humano, porque se em uma vaca é aplicado um antibiótico para curá-la, essa carne sou eu que vou comer e, portanto, vou receber o antibiótico em meu corpo, então há um sistema alimentário que não pensa tanto em saúde, como pensa no lucro; por sua vez, há um sistema sanitário que tampouco pensa em saúde, mas no lucro das instituições que se ocupam da saúde, como os hospitais. O sistema alimentário está nas mãos do mercado, o sistema de saúde está nas mãos do mercado, e o mercado está nas mãos do capital que investe naquilo que dá lucro. Se a saúde não lhe dá suficiente lucro a quem investe, a população de imediato se dá conta que não tem instituições

de saúde para solucionar uma pandemia produzida pela exploração imoral da vida dos seres vegetais e animais, ou seja, há toda uma lógica que se constrói a partir do mercado.

A posição contrária seria o pensar que não é o mercado o princípio fundamental da ética e a racionalidade e a economia, mas que deveria ser a afirmação da vida, e não digo da vida humana, mas também da vida vegetal e da vida animal, da qual nós, os seres humanos, dependemos, porque se uma planta artificialmente modificada em sua produção permite o cultivo – há transnacionais que produzem grãos de cereais que se podem plantar somente uma vez, porque as sementes dos frutos não são férteis e, portanto, cada vez se devem comprar novas sementes, já que o negócio está na venda das sementes e não no alimento –, então o sistema alimentário vem também a ser regido pelo mercado, como é também o sistema de saúde e a minimização do Estado porque a liberdade do mercado produz o necessário para o aumento do capital e não para o aumento da vida na Terra.

É a afirmação da vida vegetal, sem que seja modificada e se utilize como um meio de lucro, senão que o vegetal seja um meio de alimentação, e aí se gera uma contradição porque se produz bens que se consomem como alimento, mas que começa a provocar enfermidades e há um sistema sanitário que o Estado debilitou porque deixou em mãos do mercado, e então, de imediato, a população não tem quem lhe atenda porque todo o sistema de saúde é privado, esta nas mãos do capital e do mercado que joga com a saúde, e então há pouca disponibilidade de uma saúde a baixo custo para os pobres ou para a maioria da sociedade.

Vemos então como a lógica do mercado começa a ser uma lógica contrária à vida, não somente a humana, mas também a vida vegetal, empobrecendo-a, e estes vegetais modificados não produzem mais que uma vez, mas ao mesmo tempo resistem aos herbicidas, e então há de colocá-los em maior quantidade. Isto é outro negócio, é o sistema de matar os vírus e as enfermidades dos vegetais. Se vai aumentando o nível de resistência dos vegetais aos herbicidas, cujo uso começamos a generalizar no mundo vegetal e na terra, destilando-os pelos rios até o mar, que no passado um Oceano Pacífico ou um Atlântico pareciam imensos, infinitos, mas não, são bem finitos, e os herbicidas começa a destruir a solubilidade das águas. Os mares são contaminados pelo uso excessivo de herbicidas utilizados para atacar enfermidades das plantas que produziu por uma intervenção em vista do mercado e não do aumento da vida natural com uma intervenção tão profunda dos herbicidas.

É um círculo, o capital começa a sítar ao princípio da vida; os vegetais adoecem, os animais; as vacas, os peixes, as aves, os ovos, começam a ser contaminados pelo critério de só pensar no mercado e não em uma alimentação sem herbicidas e sem modificações

naturais, que claro, são mais caros, mas alimentam sem doenças e isto teria que estar nas mãos do Estado, que regulara o uso de instrumentos que, por produzir mais lucro no mundo vegetal, na agricultura, no mundo animal, na exploração dos animais e no sistema de salubridade, pois reduziu todos estes sistemas e reduziu até mesmo o Estado, que era demasiado custoso para um capital privado, que não necessitava de tudo isso que o Estado contribui a guardar o equilíbrio, a educação, a boa saúde, o bom alimento e as leis que permitem a paz e a justiça exige uma burocracia e isso tem um custo.

Mas ao mercado não lhe interessa o Estado, e o que temos visto na pandemia é que quando há um Estado forte, que é capaz de ditar ao mercado as leis, as regras, então mais rapidamente se logra superar, com disciplina, uma pandemia. Vemos que há uma oposição entre um princípio da vida e um princípio do mercado, isto é: duas éticas e duas visões de mundo.

O neoliberalismo tem como critério o capital e o capital está construído sobre o lucro, essa taxa de lucro é a racionalidade do sistema. O princípio da vida esta fundado em que o ser humano deveria ter uma cultura e uma civilização, e uma política e uma teoria em torno ao melhoramento da vida humana, que pode não ser o mais barato, o mais economicamente reduzido em gastos, mas permite viver melhor e isso é outro princípio e então o neoliberalismo está absolutamente nas mãos de uma minoria que tem por sua vez todos os meios de comunicação, que também decreta que deve estar só em mãos do capital privado.

Como na Argentina houve uma lei de comunicação que outorgou às transnacionais 30% dos meios de comunicação, 30% dos meios de comunicação às organizações populares, e 30% dos meios de comunicação aos meios sociais da televisão, etc., ao Estado; não todos em mãos do capital privado, porque o capital privado é singular, nem sequer milhares de pessoas, mas centenas de pessoas super milionárias que têm todos os meios de comunicação e que tem o monopólio da comunicação, onde não tem concorrência porque o monopólio esta em mãos do próprio capital e se impõem na política, na educação, na economia, em todos os níveis a opinião das minorias multi-ricas, enormemente acumulativas do capital contra a grande maioria que não tem os meios de comunicação porque não tem maneira de defender-se frente ao poder do capital.

A única compensação de defesa que teriam as maiorias seria o Estado, o Estado seria a cerca, o muro que limitaria ao capital ditando-lhes as normas para que beneficie à totalidade da sociedade e que é muito mais que o socialismo, porque supõem superar ao machismo da masculinidade tóxica contra as mulheres, que supõem superar o racismo dos brancos com

respeito aos seres humanos de cor, que supõem justamente a intervenção do capital em todas as ordens, também na educação e em uma educação em que, pelo princípio da liberdade, que é necessário, se deixa de lado o princípio da justiça na igualdade, e então, o milionário tem a palavra e o cidadão cotidiano, que é pobre, não tem nenhum instrumento de defesa, teria que ter o Estado, mas este foi debilitado.

Como foi debilitado o Estado? Pois corrompendo e comprando os membros do Estado, como empregados das grandes transnacionais, como temos visto no caso da Odebrecht, no México, uma transnacional que corrompia sistematicamente à burocracia do Estado para poder obter mais lucros.

Tudo isto é uma ordem mal planejada, daí então que o tema é a oposição entre o critério do aumento de lucro no neoliberalismo por meio do mercado e a afirmação da vida da grande maioria, mas o Estado é quem deve intervir para criar a igualdade, entre os que não tem tanto dinheiro e não são tão ricos.

São dois princípios completamente distintos, que neste momento no México está vivendo uma etapa gloriosa, porque de imediato o Estado está sendo depurado eticamente e a ética consiste em pensar nas maiorias, em defender as maiorias contra estas minorias plutocráticas enormemente ricas que têm os meios de comunicação em suas mãos e que educam ao povo a votar contra os seus interesses.

### *O neoliberalismo e os direitos humanos*

O que são os Direitos Humanos? Os direitos humanos são direitos. E, o que é um direito? Segundo a definição mais clássica e racional e ademais, perene: um meio necessário para a vida, é imprescindível. Eu devo comer. Se não como, morro. Por isso tenho direito a comer. É um princípio ético. E um princípio do direito. Vamos ao mundo mítico, que é o mundo do sentido da existência humana, onde a humanidade, em formulações metafóricas, foi formulando as concepções. Vamos citar o Egito, onde a 5000 anos se construíram obras enormes como as pirâmides, que ainda depois de tanto tempo seguem em pé.

O que são as pirâmides? São tumbas, não são palácio nem são fábricas. Por que são tão grandes estas tumbas? Porque os egípcios acreditavam que os seres humanos morriam e não havia alma e não havia imortalidade da alma, mas havia ressurreição. Segundo o mito, para ressuscitar, um morto deveria passar pelo juízo final, presidido por Osiris. O juízo final é um critério, não para o final, mas para todo o ser humano e para todas as horas de sua vida. É

a lista de princípios éticos fundamentais acerca do qual se tem direitos, e nessas pirâmides, na sala de Ma'at, deusa da justiça, no juízo final, Osiris pergunta ao faraó que está sepultado aí: O que você fez de bem para merecer ressuscitar? E o faraó responde: O que fiz de bem? Dei de comer a quem tem fome, dei de beber a quem tem sede, dei de vestir ao desnudo e uma barca ao peregrino quando subiam as águas do rio Nilo e as pessoas se afogavam, então se lhes dava um barco.

Faz 5000 anos já estava previsto como ato bom dar de comer e de beber, então havia muita água e hoje já não há tanto. Assim se avançou no Egito, ao dar de beber há quem tem sede e de vestir ao desnudo. Depois chegou o fundador do cristianismo, que vinha de um povo das tribos palestinas do Meio Oriente, que era povo judeu, que disse, dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede e de vestir ao desnudo e uma casa ao que não tem, porque já em Israel não há inundações, então por essa razão dar uma casa.

É um fato, se não como, morro; se não bebo água, morro desidratado; se não me visto, morro de frio; se não tenho casa, morro, porque como homem, dormindo a noite, em meio da estepe africana, onde surgiu o *homo sapiens*, os animais carnívoros o comeriam. Então há que se proteger. Comer, beber, vestir, ter uma casa, são quatro meios para poder viver, e se eu não cumpro com esses meios, morro.

O que é o direito? Não é mais que a exigência dos meios para viver, se não os tenho, morro. Tenho direito a comer, tenho direito de vestir-me e não morrer de frio, porque é um meio para a vida, tenho direito a habitar uma casa, para proteger-me das inclemências pela noite; o direito não é mais que a obrigação de cumprir com as necessidades da vida.

O que são os direitos humanos? Todos estes meios que necessito para poder viver. E o que é o neoliberalismo? É um princípio de morte, que tem ao mercado como princípio fundamental, ao qual imola a vida da maioria da humanidade, para acumular a riqueza do capital, de um pequeno grupo de pessoas, os 1%, diz o deputado Sanders nos Estados Unidos. É entre a morte de um sistema econômico, que mata ao ser humano: o neoliberalismo e um princípio de vida, que é obrigatório, e isso é direito. Fica claro a diferença.

Agora, é fundamental mostrar a diferença entre a vontade de viver e a vontade de matar, o neoliberalismo e os direitos humanos, e por isso a crise atual da humanidade. Estamos fazendo horrores ecológicos; os mares contaminados por plástico, pelo negócio, a atmosfera corrompida pela fumaça de fábricas excessivas, o alimento e a água contaminados. Não chove, porque aumentou a temperatura e aumentou a temperatura pela excessiva produção irracional do mercado, e o aumento da temperatura já não é uma questão geográfica

ou como um terremoto, que o ser humano não tem responsabilidade, o aumento da temperatura é um mal produzido pela liberdade humana e a Terra ficou pequena e começa a morrer em nossas mãos.

Se seguimos a linha do neoliberalismo, em um ou dois séculos a espécie humana desaparecerá, desaparecerá a humanidade, se suicidará ou irá tomar decisões em favor da vida, fortalecerá ao Estado, que colocará em seu lugar o capital e ao mercado e o mercado e o capital obedecerá a um Estado que será, agora sim, regido por um princípio democrático, onde a maioria votará para eleger aos políticos que lhe beneficiem em sua vida, com liberdade e com autoridade.

Vou terminar não com uma proposta política atual do México, mas com um princípio crítico milenário. Nabucodonosor, o rei da Babilônia, fez o primeiro código de direitos dos deveres, o Código de Hamurabi há 3600 anos e, em um ponto desse código, Hamurabi disse: “Fiz justiça com a viúva, a vida da mulher (feminismo); fiz justiça com o órfão, o filho (a educação); fiz justiça com o semelhante, o pobre”. Hoje, 3600 anos depois, alguém disse: “Primeiro os pobres, pelo bem de todos. Primeiros os pobres”. Não o inventou. Isto tem 3600 anos da cultura mesopotâmica e 5000 anos da cultura egípcia, não é um princípio atual, é um princípio crítico da ética da humanidade, que um político honesto é capaz de propor como consigna de seu governo, isso é afirmar a vida contra o mercado e o neoliberalismo, pelo menos esse é o projeto, depois se realizará no possível e nunca tudo, porque o ser humano não é capaz de produzir nada perfeito, mas faremos o possível para aproximar-nos, primeiro aos pobres, é uma síntese dos direitos humanos.

Todas as minhas obras, setenta e tantos tomos, repito o mesmo para quem sabe lê-la, desde 1961 descobri isto, vivi como trabalhador em Israel, não sendo judeu, em uma pequena cidade chamada Nazaré, onde realizei o ofício por dois anos como carpinteiro da construção de uma cooperativa Palestina; falo também a partir de minha experiência.

### **COMO CITAR ESTE TEXTO:**

DUSSEL, Enrique. O princípio da vida contra o princípio da morte: os direitos humanos e o neoliberalismo. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, Vol. 10, n. 27, set./dez., p. 155-164, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.

DUSSEL, Enrique. O princípio da vida contra o princípio da morte: os direitos humanos e o neoliberalismo. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, Vol. 10, n. 27, set./dez., p. 155-164, 2023. Available for access: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.

DUSSEL, Enrique. O princípio da vida contra o princípio da morte: os direitos humanos e o neoliberalismo. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, Vol. 10, n. 27, set./dez., p. 155-164, 2023. Disponible en: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.